

Confira a entrevista com o especialista em economia da CNseg sobre sua participação na 1ª Conferência Anual do BCB

O especialista em Economia da CNseg, Pedro Simões, participou, entre 17 e 19 de maio, da 1ª Conferência Anual do Banco Central do Brasil, evento que combinou dois importantes eventos que o BCB já organizava, o Seminário Anual de Metas para a Inflação e o Seminário Anual sobre Riscos, Estabilidade Financeira e Economia Bancária.

Cabe lembrar que a CNseg é, desde meados do ano passado, [integrante do sistema de Expectativas do Banco Central do Brasil](#), que coleta diariamente as projeções de analistas e instituições do setor privado para a produção de estatísticas sobre a evolução futura de indicadores econômicos importantes, resultando na publicação semanal do Boletim Focus-BCB.

No Congresso, que contou com a presença de pesquisadores e autoridades, como a economista-chefe do Fundo Monetário Internacional, Gita Gopinath, ocorreram importantes debates sobre a natureza do atual episódio inflacionário e suas consequências sobre as expectativas de inflação e a política monetária e os juros estiveram em foco.

Para saber um pouco mais sobre a Conferência e os temas em debate, conversamos com o especialista em economia da CNseg, Pedro Simões, que esteve presente no evento.

Pedro, entre os temas da programação da Conferência também estavam dos desafios das mudanças climáticas e de financiamento da transição energética. Você acredita que os formuladores da política econômica já estão plenamente conscientes da importância e urgência do tema? E como o setor segurador pode contribuir para esse enfrentamento?

Em relação à política monetária, diria que a consciência já parece estar disseminada. Falta, ainda, colocar em prática, e isso deve ser feito de maneira rápida. Afinal, como lembrou Elías Albagli, do Banco Central do Chile, não estamos falando de algo que pode acontecer. É algo que já está acontecendo e, nos próximos anos, os cenários mais prováveis são de mudanças e prejuízos cada vez maiores. O desafio, no entanto, é colocar em prática, pois ninguém quer pagar (e votar) pelas mudanças necessárias. Se a informação e os riscos reais que estamos enfrentando não forem transmitidos corretamente às pessoas, esse quadro dificilmente vai mudar.

Essa, por exemplo, é uma contribuição que o setor segurador pode dar. Somos especialistas em lidar com riscos. Podemos ajudar a comunicar melhor à sociedade a dimensão dos riscos envolvidos. Além disso, as soluções e políticas públicas envolvidas devem passar, necessariamente, pelas seguradoras. Aqui no Brasil, por exemplo, o forte crescimento – em prêmios e sinistros – do seguro Rural nos últimos anos é uma evidência do impacto do aumento da frequência de eventos climáticos extremos. Trata-se de uma questão que não diz respeito apenas aos produtores rurais, mas à segurança alimentar de todos. Não por acaso, esse seguro conta com subvenção governamental e, portanto, é, em parte, custeado pela sociedade, em linha com a ideia apresentada por Albagli. O benefício é coletivo.

Sabine Mauderer, membra do Conselho Executivo do Deutsche Bundesbank, da Alemanha, em seu discurso, enfatizou que riscos climáticos são riscos financeiros. Se estamos falando de riscos, estamos automaticamente falando de espaço de atuação das seguradoras. É preciso criar cada vez mais pontes com esses outros atores.

Os impactos da tecnologia na sociedade também estiveram na pauta. Como, por exemplo, as moedas digitais e outras tecnologias disruptivas impactarão a economia?

Como mencionou um economista do Banco do Canadá em sessão dedicada ao tema, apesar de as moedas digitais terem nascido fora dos governos, todos os maiores bancos centrais do mundo

estudam, hoje, a introdução de moedas digitais de bancos centrais (CBDC, na sigla em inglês). Isso porque a atuação da política monetária se dá, principalmente, por meio de controles diretos ou indiretos sobre meios de pagamento. Se há moeda sendo emitida e transacionada por outros entes que não a autoridade monetária, aumenta a incerteza sobre como fica o controle da inflação e manutenção da estabilidade do sistema financeiro.

Há também grandes potencialidades e possíveis externalidades positivas na adoção das moedas digitais, que aumentariam a eficiência dos sistemas financeiros e, portanto, o potencial de crescimento das economias. Estudos para adoção de CBDC são muito novos, mas o volume de pesquisas sendo feitas sobre o tema está crescendo muito rápido. A maioria dos estudos tem como base, portanto, modelos estilizados, teóricos. E essa fase é importante, pois é aqui que as autoridades podem se antecipar em relação a potencialidades e fragilidades da adoção das CBDC. As tecnologias envolvidas e mudanças que estão por vir nessa área certamente impactarão operações cotidianas das seguradoras e, por isso, participar desde já dos debates me parece fundamental.

Outro ponto relacionado à tecnologia lembrado pelo próprio Presidente do BCB, Roberto Campos Neto, em sua fala na abertura da Conferência, diz respeito a como a facilidade que há hoje para transferir recursos entre instituições pode acelerar crises financeiras. O caso recente do SVB e do Signature Bank, nos EUA, apesar de bem contido pelas autoridades, mostrou que a velocidade com que corridas bancárias ocorrem tende a aumentar.

Qual a importância e o que representa para o setor segurador o convite para integrar o sistema de Expectativas do Banco Central do Brasil?

A importância é muito grande. O setor segurador tem um grande peso na economia, derivado, tanto de sua própria atuação, quanto, indiretamente, dos negócios e transações econômicas que só ocorrem por conta da segurança e previsibilidade geradas pela contratação de um seguro por empresas ou famílias. Devemos, portanto, procurar estar no centro dos debates sobre políticas públicas e crescimento econômico. Fazer parte do Sistema de Expectativas do Banco Central é um passo importante nesse sentido.

Participar do Focus também é mais um incentivo para aprimorarmos, dia após dia, os a avaliação dos cenários macroeconômicos, que são a base das nossas Projeções de Arrecadação e uma referência importante do mercado.

Fonte: CNseg, em 26.05.2023